

ALDEIAS COMUNAIS: 2-DIFERENÇAS QUANTO À ORIGEM

Das aldeias comunais existentes nem todas têm a mesma origem. Há mesmo províncias que têm aldeias predominantemente de uma certa origem como Gaza, cujas aldeias são na sua maioria resultantes das cheias, e Nampula cujas aldeias são resultantes da mobilização das populações independentemente de qualquer calamidade. Devido à depressão tropical «Angele» irão aparecer nesta província as primeiras aldeias resultantes de calamidades naturais.



Podemos, portanto, em todo o país, distinguir 5 tipos de aldeias comunais quanto às origens:

- 1 — Aldeias resultantes de calamidades naturais;
- 2 — Aldeias de regressados;
- 3 — Aldeias resultantes da transformação dos antigos aldeamentos;
- 4 — Aldeias das zonas libertadas;
- 5 — Aldeias designadas de «genuínas».

AS CALAMIDADES NATURAIS E O APARECIMENTO DAS ALDEIAS

A primeira experiência dolorosa para o Moçambique independente, sobre a verdadeira brutalidade de que a natureza por vezes se reveste, foi a das cheias de Gaza em 1977. Milhares de camponeses ficaram sem os seus haveres, milhares de cabeças de gado foram levadas pelas águas enquan-

to empresas agrícolas estatais e de privados eram também destruídas inutilizando-se, em certos casos, importantes investimentos.

A população camponesa viu-se, de um dia para o outro, numa das mais atrozes misérias. Homens, mulheres e crianças ficaram reduzidos à roupa que traziam no corpo. A fome apertou. Foram necessários os esforços do Partido e do Governo para canalizar auxílio às vítimas e não faltou a sempre útil ajuda internacional reforçando a mobilização que se fez sentir por todo o país para socorrer em roupas e dinheiro os aflitos camponeses de Gaza.

Tornou-se logo evidente que, para combater as drásticas consequências das cheias seria a aldeia comunal a solução mais correcta. Trabalhou-se duramente nesse sentido e surgiram no Limpopo as aldeias comunais resultantes de calamidades naturais. Gaza não era, no entanto, a primeira província a conhecer este tipo de aldeias. Outras tinham já surgido em 1976 aquando das cheias do Pungué em Sofala. Mas foi em Gaza que o drama ganhou a sua dimensão máxima e foi lá que apareceu um grande movimento de massas que ultrapassou o simples acto físico de construção para se revestir de aspectos políticos importantes.

Depois seguir-se-iam as províncias de Maputo, com as cheias do Incomati, Sofala aquando das cheias do Zambeze e agora Nampula que, certamente, terá aldeias resultantes de calamidades já que foi um drama a violência da depressão «Angele».

Pelas próprias circunstâncias específicas que fazem surgir estas aldeias elas enfermam de graves defeitos o pior dos quais é a planificação. São geralmente, aldeias superpovoadas (mais de mil habitantes) o que acarreta vários problemas tais como a insuficiência de terras para as machambas familiares, o esgotamento da reserva de lenha nas matas próximas da aldeia, a dificuldade de manter a higiene, etc., etc.

Por outro lado, não tendo o camponês encontrado uma preparação psicológica prévia para a sua aceitação da vida em comunidade ao estilo das aldeias torna-se a sua mobilização revestida de problemas especiais porque não há uma transição entre a vida dispersa e a vida na aldeia. Tudo surge bruscamente em consequência de um factor estranho não só ao próprio camponês como às próprias estruturas políticas e estatais que se vêem a braços com um problema que estava fora das suas agendas de trabalho.

Seja como for, muitas destas aldeias consolidam-se e conquistam sucessos e, em termos políticos, são ricas na luta de ideias.

OS MOÇAMBICANOS FUGIDOS DA GUERRA

Nas províncias de Tete, Niassa e Cabo Delgado muitos camponeses foram levados a refugiar-se nos países vizinhos (Malawi e Tanzânia) devido à guerra. Esses camponeses, aos milhares, logo após a independência iniciaram o regresso às suas terras de origem. Esta avalanche populacional traz consigo um problema grave que é o problema da fome e também a ignorância das consequências mais radicais da luta de libertação ou seja, a revolução. Muitos destes camponeses voltam, por isso, a sonhar com a antiga vida. Instalam-se quer nas zonas libertadas quer noutras zonas.

Tal como no caso das calamidades naturais nasceu o problema do seu enquadramento. Desta vez foi a Comissão da ONU para os refugiados que deu um apoio relevante em transporte, cobertores e géneros alimentícios. As estruturas políticas nacionais deram a palavra de ordem no sentido de organizar estes camponeses em Aldeias Comunais. Já existem muitas dessas aldeias nas províncias atrás mencionadas e, curiosamente, conseguem avanços políticos e materiais por vezes surpreendentes se nos lembrarmos da tal despolitização em que viveram en-



quanto a luta fervia dentro de Moçambique.

OS ANTIGOS ALDEAMENTOS

É na província de Cabo Delgado onde mais se encontram essas aldeias resultantes da transformação dos antigos aldeamentos. São também as de mo-

bilização mais difícil porque aqui o camponês viveu em contacto directo com o inimigo colonialista, assimilou-lhe os vícios e ganhou também um espírito parasitário devido à acção psico-social fascista. Assim, por exemplo, para a construção de um aldeamento o exército português mobilizava brigadas de corte da Engenharia, transportava as estacas e dava tudo ao camponês. **Este quando ouve agora que tem**



que ser ele a ir cortar as suas próprias estacas para a construção da aldeia comunal recebe essa notícia com desagrado porque tem inculcada em si uma anterior experiência muito negativa.

Pelo facto de Cabo Delgado ter sido a província que mais aldeamentos teve é aqui também que se registam os mais diversos problemas sobre a transformação desses campos de concentração estratégicos em aldeias comunais. Mas saindo da diversidade dos problemas desta província encontramos quer no Niassa quer em Tete o denominador comum que é a dificuldade que o camponês dos aldeamentos começa por sentir quando se lhe fala de aldeia comunal. Ele não vê a diferença e começa por achar que se trata apenas de uma mudança de nome. Só um trabalho paciente leva à conclusão contrária e, conseqüentemente à libertação destas populações marcadas e fortemente traumatizadas pelo inimigo.

A EXPERIÊNCIA DAS ALDEIAS VEM DAS ZONAS LIBERTADAS

Foi da experiência surgida nas zonas libertadas que a FRELIMO tomou a opção política de organizar as populações rurais em aldeias comunais. Durante a luta muitas foram as formas de organização colectiva, principalmente as cooperativas agrícolas que a par da produção individual criaram excedentes comercializáveis ainda durante a guerra, de terminaram o aparecimento e fertilização da ideia da aldeia comunal.

Por isso de entre as aldeias existentes há aquelas que resultam das povoações das zonas libertadas onde germinaram as primeiras formas de organização colectiva. São as chamadas aldeias das zonas libertadas. Seriam as aldeias mais fecundas se certas insuficiências do Aparelho de Estado não determinassem que a palavra de ordem lançada

organização colectiva. E a grande aceitação que a população de Nampula teve pela ideia das aldeias comunais faz dela uma província única no país.

Devido à depressão «Angele» irão surgir ali aldeias nascidas de calamidades naturais mas aquilo que parecia ser a vocação da província eram as aldeias «genuínas».

Poderíamos ter incluído nesta classificação aldeias surgidas em torno das machambas estatais. Mas a própria designação não nos parece correcta nestes casos e os estudos sobre as populações camponesas em machambas estatais são ainda insuficientes.

COMO MOBILIZAR CADA UMA DESTAS ALDEIAS?

Um dos erros mais frequentes até hoje cometidos é a utilização das mesmas formas políticas de mobilização para todas as populações deste con-



logo após a independência «prioridades para as zonas libertadas» fosse dificilmente cumprida. Será a população de Nampula, onde a nudez e a fome são gritantes, juntamente com a população de algumas zonas libertadas, aquelas que mais dificuldades sofrem ainda hoje se exceptuarmos as populações fronteiriças afectadas pelos ataques da soldadesca mercenária de Smith.

A MOBILIZAÇÃO CRIA ALDEIAS

Nampula é a província onde existem muitas das aldeias chamadas «genuínas ou de mobilização. São aldeias edificadas por uma população camponesa que nunca foi afectada pela guerra, que não conheceu calamidades naturais determinantes da mobilização e não tem nenhuma experiência anterior de

junto de aldeias de origens diferentes. Consegue-se, de facto o essencial mas acontece muitas vezes chegar-se a um ponto em que começa a haver retrocesso porque foram esgotados os pontos imediatos de diálogo.

A questão que se põe é:

Como mobilizar um conjunto de camponeses que apanhados pelas cheias de repente se vêem na contingência de construir uma aldeia comunal? Nelas há todo um conjunto de problemas psicológicos tais como o sentimento resultante do drama que vivem, a mudança brusca de «habitat», a tradicional apatia perante os fenómenos da natureza que ultrapassam as suas capacidades de compreensão o apego às tradições, etc. etc?

Como mobilizar camponeses regressados do Malawi onde frequentemente encontraram condi-

ções de vida traumatizantes nas plantações de tabaco ou outras, onde podiam dar largas a todos os vícios, onde aprenderam que a independência não é o fim do curvar de costas e das humilhações? Como inculcar-lhes o espírito de nacionalidade e convencê-los de que a via mais correcta de defesa dos interesses deles mesmos não é aquilo que viram no Malawi mas o que se procura fazer em Moçambique?

Como mobilizar as populações dos aldeamentos, tantos anos marcadas pela convivência nefasta com o exército português, carregadas de vícios e de todas as formas de oportunismo, treinadas até ao requinte na resistência passiva e habituadas a um parasitismo crónico?

Quais as vias mais correctas de mobilização de uma população pobre em terra rica, que viveu longe das zonas de guerra mas numa permanente expectativa pois as notícias sempre corriam, uma população regra geral fatalista, conformada com as suas condições de vida das mais degradantes onde as mulheres vão acarretar água de noite para não exibirem a sua nudez?

Como mobilizar camponeses que teimosamente permaneceram nas suas zonas afectadas pela guerra, colaboraram intimamente com os guerrilheiros, participaram nas milícias, fizeram machambas para alimentar os combatentes, viveram até à medula toda a luta de classes desencadeada entre os oportunistas e os verdadeiros revolucionários, entre os feudais e elas próprias? Como inculcar-lhes o sentido das novas estruturas (frequentemente perguntam qual o papel do administrador). Uma vez que conheceram estruturas mais lineares onde o papel

mais activo e dirigente pertencia ao 1.º Secretário? Como explicar-lhes que mudou o papel do compa-



nhheiro fardado, a pessoa em que mais acreditam depois do 1.º Secretário? Como consolidar o seu espírito combatente que faz com que sintam ser problema seu tudo o que se passa no país apesar da informação escassa? Como satisfazer as suas mais profundas aspirações nascidas durante a luta que sentiram na carne com a perda dolorosa de entes queridos?

Finalmente, e abordando inversamente um ponto de trás, como mobilizar os camponeses que refugiados na Tanzânia ali encontraram nas machambas capitalistas condições de vida que dificilmente irão encontrar em Moçambique nos próximos anos? Onde encontrarão as lindas bicicletas que ali viram e que alguns trazem, os rádios potentes mas económicos no preço e no consumo das pilhas, as vistosas capulanas das mulheres, os sofisticados co-fiós dos homens e as mil e uma bugigangas baratíssimas e que se habituaram a comprar (espelhos, brincos, óleos para o cabelo, etc.)?

Estas são questões fundamentais e para as quais só um levantamento em profundidade da diversidade de problemas políticos que cada tipo de aldeia enfrenta poderá responder. Só uma síntese a nível nacional poderá dar as linhas gerais a que se devem ater os responsáveis políticos que trabalham nas aldeias de forma a sair-se do actual empirismo que chega a ter, em muitos casos, efeitos verdadeiramente nefastos com a consequente e inevitável desmobilização dos camponeses.

Nelson Kapuri

